

UNIREDENTOR

CÁCIO ZANON DE FIGUEIREDO

**OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA FÍSICA ALIADA AO PLANO
TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR PARA O JIU JITSU
ADAPTADO E INCLUSIVO.**

Itaperuna
2021

CÁCIO ZANON DE FIGUEIREDO

**OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA FÍSICA ALIADA AO PLANO
TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR PARA O JIU JITSU
ADAPTADO E INCLUSIVO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Uniredentor como parte das
exigências para a aprovação na no
Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof.a Camila Medina

Itaperuna
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acadêmico/a: Cácio Zanon de Figueiredo

Título: OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA FÍSICA ALIADA AO PLANO TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR PARA O JIU JITSU ADAPTADO E INCLUSIVO

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Objetivo: Título de Bacharel em Psicologia

Instituição: UniRedentor

Área de concentração: Psicologia

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Esp. Camila Medina Nogueira Moço

Orientadora

UniRedentor

Prof. Esp. Dura Ferrer

UniRedentor

Dr. Cleberson Franclin Tavares Costa

Universidade Tiradentes

OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA FÍSICA ALIADA AO PLANO TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR PARA O JIU JITSU ADAPTADO E INCLUSIVO.

Cácio Zanon de Figueiredo

Graduando em Psicologia

Resumo

O presente trabalho pretende, a partir de uma demanda crescente pela proposta e análise de práticas que se aliem ao plano terapêutico de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), compreender os benefícios da prática de Jiu Jitsu adaptado e inclusivo nesse contexto. Outrossim, crescentes diagnósticos de TEA na infância e as dificuldades apresentadas pelas equipes multidisciplinares na elaboração e manutenção de um plano terapêutico eficaz sustentam a relevância do trabalho. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e cujo procedimento caracteriza-se pela revisão bibliográfica integrativa.

Palavras-chave: jiu jitsu; autismo; inclusão; psicologia; plano terapêutico.

Abstract

The present work intends, based on the growing demand for the proposal and analysis of practices combined with the therapeutic plan of children diagnosed with Autistic Spectrum Disorder (ASD), to understand the benefits of practicing Jiu-Jitsu adapted and inclusive in this context. Furthermore, increasing diagnoses of ASD in childhood and the difficulties presented by multidisciplinary teams in the elaboration and maintenance of an effective therapeutic plan support the relevance of the work. It is, therefore, qualitative research of an exploratory character and whose procedure is characterized by the integrative bibliographic review.

Keywords: jiu jitsu; autism, inclusion; psychology; therapeutic plan.

INTRODUÇÃO

Bleuler, em 1911, foi o primeiro a citar o termo “autismo” para caracterizar pessoas cujos sintomas se apresentavam como perda de contato com a realidade e dificuldade ou impossibilidade de comunicação. Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kranner utilizou o termo para caracterizar uma doença que causava isolamento extremo, alterações na linguagem, rituais obsessivos, movimentos estereotipados e déficit na coordenação motora (AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN,2017; GADIA; TOUCHMAN; ROTTA, 2004).

Hoje, no entanto, de acordo com o Manual de Saúde Mental (DSM V) fala-se em Transtornos do Espectro Autista (TEA) que incluem o autismo, transtorno desintegrativo da infância e as síndromes de Asperger e Rett. O TEA pode ser identificado nos primeiros anos de vida e tem como características principais as disfunções na tríade: interação social, comunicação e reciprocidade social (SANTOS et al, 2012; AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN,2017).

Por se tratar de um transtorno global do desenvolvimento, crianças diagnosticadas com TEA necessitam de cuidados multidisciplinares que envolvem trabalhos e estimulem desde a melhora na aquisição de linguagem até a diminuição dos comportamentos mal adaptativos. Além disso, pela tendência ao isolamento e a comum presença de disfunções motoras, pesquisadores tem demonstrado cada vez mais a importância da atividade física para pessoas com TEA (SANINI; BOSA, 2015; AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN,2017).

Nesse sentido, ao observarmos que as artes marciais têm crescido cada vez mais como uma modalidade de esporte, de arte, além de se configurar como uma alternativa terapêutica à uma série de patologias. No entanto, durante muito tempo, foi vista exclusivamente como uma luta. Esse termo, “luta”, faz parte de uma dimensão polissêmica por suas diversas representações e significados, podendo se tratar de movimentos de cunho ideológico, como lutas de classe, dos trabalhadores, dos direitos da mulher, entre outros, ou mesmo em seu sentido lato, onde é vista como um embate físico entre sujeitos pelas demais intensões e conflitos (CORREIA, FRANCHINNI, 2010).

A arte marcial é definida por Correia e Franchinni (2010, p.1) como “um conjunto de práticas corporais que são configuradas a partir de uma noção aqui denominada de “metáfora da guerra”, uma vez que essas práticas derivam de técnicas de guerra como denota o nome, isto é, marcial.”. Deste modo, a partir de técnicas de combates inseridas nos mais diversos contextos sociais, esses movimentos ganham uma dimensão cada

vez mais expressiva, sinalizando para um processo que também é inventivo, imaginário, lúdico e criativo.

Dentre as modalidades conhecidas por lutas e/ou artes marciais, o *jiu jitsu* tem se apresentado como destaque nas últimas décadas. A palavra *jiu jitsu* possui dois caracteres chineses: *ju*, que significa “suavidade” ou “via de ceder”, e *jutsu* “arte, prática”, sendo traduzida em muitos países e línguas como “Arte Suave” como apontado por Kano (1994).

O *Jiu Jitsu* é uma modalidade que envolve movimentos biomecânicos em forma de alavancas, imobilizações, torções e submissão do oponente. É conhecida por ser a mais perfeita forma de defesa pessoal de todas as épocas e assim como destacado por Rufino e Darido (2009) está em constante transformação e tem crescido cada vez mais por seu apelo a todos os tipos de praticantes que, independentemente de seu tamanho ou peso podem se destacar e tirar o melhor da conhecida por “Arte das Técnicas Suaves” (RODRIGUES *et al.*, 2018)

Para Gonzales (2015, pg. 12) “o *Jiu-Jítsu* pode ser considerado uma arte marcial de prática corporal que traz valores éticos e morais para seus praticantes”. Deste modo, tem aparecido de maneira cada vez mais incisiva no contexto brasileiro por se tratar de uma modalidade de princípios humanos e inclusivos. Alguns autores como Meirelles (2018, p.7) ainda ressaltam que “os preceitos filosóficos que regem o *Jiu Jitsu* brasileiro não é o simplesmente fato de vestir um quimono e aprender técnicas de defesa pessoal e chaves de avalanca, vão muito além disso.” (GRACIE, 2010) conforme será discutido ao longo do presente trabalho.

Deste modo, além de abranger uma série de praticantes e o que em muitos casos seria entendido como uma limitação para a prática de arte marcial, o *jiu jitsu* também se apresenta como um esporte altamente intelectualizado, tendo em vista que sua prática requer controle não apenas físico, mas mental e intelectual, que atuam na coordenação de inúmeras variáveis que vão se apresentando no decorrer da prática. Além disso, quanto aos benefícios, Rodrigues *et al.* (2018, p.135) destaca que:

(...) no decorrer de uma luta com a pratica constante adquire-se e aprimora as capacidades ou valências físicas básicas como força, velocidade, resistência, flexibilidade e coordenação, seus movimentos regulam o controle motor, afinando e melhorando não só a psicomotricidade, como, a coragem, autoconfiança e total controle sobre si.

Deste modo, observa-se que essa arte marcial apresenta uma série de estímulos que se inserem nas necessidades que os profissionais envolvidos no tratamento de crianças com TEA procuram desenvolver nas mesmas. A partir dos estudos sobre o *jiu jitsu* e a maneira como ele tem se adaptado no decorrer dos anos, objetiva-se compreender os benefícios desta prática quando adaptada e inclusiva como aliada ao plano terapêutico de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e procedimento bibliográfico, cujo objetivo é identificar os benefícios da prática física aliada ao plano terapêutico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dentro do contexto do *jiu jitsu* adaptado e inclusivo. Tratando-se de uma pesquisa que fará uso exclusivamente da revisão bibliográfica, a análise será feita através da revisão integrativa que, segundo Broome (2006) consiste em fornecer maior compreensão sobre um fenômeno em particular.

A pesquisa qualitativa permite a apreensão de aspectos que não podem ser quantificados, tendo como cerne a compreensão e explicação de dinâmicas no campo das relações sociais. Minayo (2001) afirma que a pesquisa qualitativa lida com o universo de significados, crenças, valores, atitudes e aspirações, correspondendo a um espaço mais complexo de relações, processos e fenômenos que não se inserem em variáveis quantitativas.

Seu caráter exploratório, por sua vez, permite maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e facilitando a construção de hipóteses. Essas pesquisas, segundo Gil (2007) podem ser classificadas como pesquisa bibliográfica e estudo de caso. No contexto da pesquisa em voga, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo propósito geral é o de reunir conhecimento sobre determinado tema a fim de fundamentar um estudo significativo (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

A partir dos dados coletados na pesquisa, que serão norteados por quatro buscadores principais – *jiu jitsu*; autismo; inclusão; psicologia; plano terapêutico -, inseridos em bases indexadas como Scielo, Lilacs, Google Acadêmico e Science Research, será realizada a análise dos mesmos a partir da revisão integrativa, cujo objetivo é possibilitar a síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A revisão integrativa é um método de pesquisa que busca traçar uma análise sobre um conhecimento que já se encontra presente em pesquisas anteriores, possibilitando a síntese de diversos estudos já publicados, produzindo novos conhecimentos pautados em resultados apresentados por pesquisas anteriores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; BENEFIELD, 2003; POLIT; BECK, 2006).

O JIU JITSU

Nas últimas décadas, muito têm-se falado sobre a prática física em seus diversos contextos e benefícios para a população em geral. No entanto, nos últimos anos têm-se dado grande enfoque a modalidades conhecidas por lutas e/ou artes marciais. Estas tratam-se de práticas nascidas há séculos atrás com a necessidade de autodefesa, vista pelos guerreiros das tribos, também, como uma maneira de obter melhores resultados em seus combates (HIRATA; DEL VECCHIO, 2006).

A partir da evolução das sociedades, as artes marciais passaram a sofrer alterações ao longo do tempo, mas, as de origem oriental mantiveram alguns aspectos tradicionalistas bem enraizados em suas práticas. Outra alteração importante foi a inserção destas artes como modalidade esportiva, um processo que teve, e tem, como aponta Betti e Zuliani (2002) influência direta da mídia (DRIGO et al., 2005)

Dentre diversas modalidades como o *Kung Fu*, *Tai Chi Chuan*, Judô, entre outros, uma arte marcial/esporte tem ganhado espaço na atualidade: o *Jiu Jitsu*. A palavra *jiu jitsu* possui dois caracteres chineses: *ju*, que significa “suavidade” ou “via de ceder”, e *jutsu* “arte, prática”, sendo traduzida em muitos países e línguas como “Arte Suave” (KANO, 1994).

Essa modalidade tem sido apontada, além de arte marcial e esporte, como um estilo de vida que envolve movimentos biomecânicos em forma de alavancas, imobilizações, torções e submissão do oponente. É conhecida por ser a mais perfeita forma de defesa pessoal de todas as épocas e, assim como destacado por Rufino e Darido (2009), está em constante transformação e tem crescido cada vez mais por seu apelo a todos os tipos de praticantes que, independentemente de seu tamanho ou peso podem se destacar e tirar o melhor da conhecida por “Arte das Técnicas Suaves” (RODRIGUES et al., 2018).

O *Jiu Jitsu* brasileiro é apontado como originário de Mitsuyo Maeda, que foi responsável por ensinar Hélio Gracie. Nele a essência da luta consistia, como aponta Arruda e Souza (2014, p.73) em “sete técnicas de atuação: quedas (Judô); traumatismo

(Karatê); torções (Aiki-Dô); estrangulamentos, pressões, imobilizações e colocações”. No entanto, Helio Gracie aperfeiçoa essa técnica, desenvolvendo algo diferente no que diz respeito a parte traumática; aqui, inclui-se a finalidade de derrubar e dominar visando uma finalização do oponente.

No Brasil, é a partir dessas modificações propostas por Hélio Gracie que o *Jiu Jitsu* se torna uma prática esportiva, desenvolvendo algo que acabou culminando em outras práticas e conceitos a partir dos benefícios que pôde-se observar nessa modalidade. Tais benefícios são destacados por Arruda e Souza (2014, p.83):

Ele possui benefícios ao atuar no sistema cardiorrespiratório (parte aeróbica), sistema muscular (parte anaeróbica), flexibilidade, alongamentos e coordenação motora – no aspecto físico, mas também contribui no aspecto mental para o autocontrole, libera o estresse e oportuniza o convívio social, como qualquer prática corporal.

Sobre isso, Tafarel et al. (2001) ressalta que o *Jiu Jitsu* abrange as três áreas compreendidas pela dimensão do humano: cognição, afetividade e motor, pois há um processo educacional envolvido que o torna uma modalidade e cultural corporal que permite ao sujeito trabalhar diversas questões a partir da maneira que se disciplina os conteúdos programáticos nos quais ele está inserido.

Tendo isso em vista, essa prática passa a adentrar outros espaços e realidades, e assim como outras práticas físicas de semelhantes propostas, passam a ingressar no campo da saúde e, em específico, dos transtornos comumente diagnosticados na infância. Aqui, destaca-se o autismo, que se trata de um transtorno global do desenvolvimento conhecido, após o DSM V, como Transtorno do Espectro Autista (TEA) (AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN, 2017).

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA ATRAVÉS DO MÉTODO ABA

A mudança que levou os antigos transtornos a se tornarem o espectro autista se deu a partir das constantes alterações e descobertas diagnósticas advindas do avanço científico. No entanto, todas as proposições se aproximam no que concerne a dois pilares diagnósticos: desenvolvimento atípico da comunicação e interação social e a presença de comportamentos impremeditados (VIEIRA, 2018).

O TEA é um transtorno que pode ser identificado logo na primeira infância – o que tem acontecido com maior frequência nos últimos anos -, e é caracterizado por uma

tríade de distúrbios: interação social, comunicação e reciprocidade social. Todavia, portadores desse transtorno podem apresentar diversas características e até mesmo intensidades entre elas. Algumas crianças com TEA têm dificuldades de aprendizagem, apresentando até mesmo limitações mais severas na realização das atividades diárias, enquanto outras possuem limitações em níveis considerados relativamente “normais” (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004; AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN, 2017).

É por isso que, segundo Aguiar, Pereira e Bauman (2017, p.179):

Os autistas necessitam de cuidados multidisciplinares; o tratamento envolve técnicas de mudança de comportamento, programas educacionais ou de trabalho, além de terapias de linguagem/comunicação. O objetivo dessas abordagens é melhorar a aquisição da linguagem, as habilidades de interação social e diminuir os comportamentos mal adaptativos.

No que concerne ao diagnóstico nosológico, este ocorre a partir da observação clínica, sendo fundamental o relato fiel dos cuidadores – no caso dos menores de idade – sobre as fases de desenvolvimento e os comportamentos apresentados pelo paciente. Todavia, para que isso ocorra da melhor forma possível, alguns critérios são estabelecidos (ZANINI, 2019).

Diante disso, Teixeira (2016) destaca cinco critérios contemplados pela atual classificação diagnóstica e que correspondem às características como: prejuízo na comunicação e interação social em diversos contextos; padrões repetitivos de comportamento e restritivos de interesses/atividades; sintomas presentes no período inicial de desenvolvimento da criança; sintomas responsáveis por prejuízos significativos do funcionamento social, ocupacional, entre outros; e alterações que não se encaixam em deficiências intelectuais ou atraso global do desenvolvimento.

Um impasse no contexto diagnóstico do TEA são as comorbidades que, “associadas em alguns casos de autismo faz com que variados perfis – somados aos amplos critérios diagnósticos atuais –, se incluam no mesmo espectro, fato que pode gerar conflitos de diagnóstico”, como ressalta Zanini (2019, p.14). Pesquisas como a de Garcia et al. (2016) apontam que em aproximadamente 20% dos autistas são encontradas comorbidades e que estas, em maior número, constituem-se por ordem genética.

Diante de questões diagnósticas como essa, além das limitações apresentadas pelos sintomas encontrados nos autistas, torna-se imperativo a análise integral da síndrome, um processo capaz de contemplar os aspectos biológicos, psicológicos e

sociais. Deste modo, é possível a escolha das intervenções mais adequadas a cada caso do abrangente TEA. A perspectiva multidisciplinar é responsável por ampliar a eficácia do tratamento e proporcionar a “compreensão desse ser na relação consigo mesmo e com seu ambiente” (ASSUMPÇÃO JR; KUCZYNSKI, 2011, p. 52).

Em um informativo atualizado em abril de 2017, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reafirma não haver, naquele momento, cura ou prevenção para o transtorno. Todavia, salienta que as intervenções realizadas a partir da primeira infância são imperativas no estímulo ao desenvolvimento saudável e promoção do bem-estar desses indivíduos.

Dentro desse contexto de intervenções, a psicologia se destaca enquanto ciência com grande impacto no plano terapêutico – que reúne uma série de práticas que visam melhor desenvolvimento biopsicossocial – de crianças com TEA. E, entre as propostas de intervenção da área psicológica, a conhecida por “método ABA”, advindo do inglês *Applied Behavior Analysis* e, traduzido como Análise do Comportamento Aplicada, tem ganhado cada vez mais espaço (STARLING et al., 2007; BRAGA-KENYON; KENYON; MIGUEL, 2005).

Entre as décadas de 1930 e 1950, identifica-se um período repleto de investigações experimentais que, por sua vez, resultaram – através dos parâmetros providos pelas Ciências Naturais, em princípios estruturantes do comportamento e que são a base para a Análise do Comportamento (COOPER; HERON; HEWARD, 2007).

É através do desenvolvimento de um modelo explicativo da Análise do Comportamento, que Souza e Juliani (2018, p. 143) destacam a formação de três áreas específicas de estudo dentro desse campo:

- 1) Análise Experimental do Comportamento (Experimental Analysis of Behavior), que desenvolve atividades de pesquisa básica, principalmente com animais infra-humanos em ambientes controlados, estudando relações funcionais entre comportamento e ambiente (COOPER et al., 2007); 2) Behaviorismo Radical (Radical Behaviorism), que envolve investigações filosóficas, formulações teóricas e conceituais dos resultados obtidos experimentalmente (SKINNER, 1974); 3) Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA), que engloba a pesquisa experimental com humanos e a aplicação cotidiana de procedimentos comportamentais.

Com a criação do *Journal of Applied Behavior Analysis*, diversas pesquisas controladas e aplicações cotidianas foram realizadas. Em um de seus artigos, intitulado *Some Current Dimensions of Applied Behavior Analysis* e escrito por Baer, Worlf e

Risley (1968), definem-se sete características básicas da Análise do Comportamento Aplicada:

- 1). Aplicada, pois seu objeto de estudo envolve comportamentos socialmente relevantes;
- 2). Comportamental, pois a intervenção deve tratar de comportamentos mensuráveis;
- 3). Analítica, pois as relações funcionais entre comportamento e ambiente devem gerar descrições claras e replicáveis;
- 4). Tecnológica, pois a descrição dos procedimentos e materiais utilizados nas práticas interventivas devem ser passíveis de replicação por demais profissionais;
- 5). Conceitualmente Sistemática, pois a intervenção deve fundamentar-se em princípios e conceitos presentes no modelo explicativo da Análise do Comportamento;
- 6). Efetiva, pois a intervenção deve visar atingir comportamentos-alvo a partir de critérios estabelecidos pelos envolvidos, considerando os comportamentos com potencial de aplicações práticas.
- 7). Generalizável, pois os métodos utilizados devem gerar comportamentos em diversos contextos, mesmo nos que não forem abordados diretamente nas intervenções.

Um pouco mais tarde, em 1987, Baer, Wolf e Risley publicam outro artigo – intitulado *Some Still-Current Dimensions of Applied Behavior Analysis* – e reafirmam as sete características que anteriormente haviam pautado enquanto orientadoras da atividade do profissional inserido na Análise do Comportamento Aplicada até os dias de hoje. Ainda neste contexto, recentemente, os autores Cooper, Heron e Heward (2007, p.20) conceituam Análise do Comportamento Aplicada definindo-a como:

(...) a ciência em que técnicas derivadas dos princípios do comportamento são aplicadas sistematicamente para melhorar comportamentos de relevância social e experimentação é usada para identificar variáveis responsáveis pela mudança comportamental.

No Brasil, essas intervenções conhecidas por sistemáticas ficaram conhecidas como “método ABA”, embora não se constituam por um método em si. Todavia, fazendo o uso desta nomenclatura é possível compreendê-la como: (...) um conjunto de procedimentos de base analítico comportamental que compõe um bem-sucedido pacote de tratamento para o autismo”, como destaca Starling et al. (2007, p.42).

Braga-Kenyon, Kenyon e Miguel (2005) salientam que a intervenção ABA não se configura por uma prática de tarefas fixas e pré-definidas, procedimentos, regras ou passos. A intervenção é pautada nas sete características apresentadas anteriormente e que levam em conta, invariavelmente, a subjetividade do cliente, seu contexto social, repertório atual e os comportamentos alvo.

Assim, as intervenções ABA tem como enfoque a vida diária desse sujeito, objetivando impactar em suas habilidades da vida diária, como escovar os dentes, trocar de roupa, calçar os sapatos, tomar banho; habilidades motoras finas, como escovação dentária; estimulação sensorial; habilidades cognitivas, como fala fluente, escrita, leitura; habilidades sociais, como participar de jogos e brincadeiras, aguardar pela sua vez; entre outros. Além disso, podem-se ainda ser incluídas intervenções para o aumento da variabilidade comportamental e redução dos comportamentos agressivos (WINDHOLZ, 1988; MILLER; NEURINGER, 2000; CABALLO, 2003; KENYON; HEALEY, 2002; SOUZA; ROSE, 2006; SOUZA; JULIANI, 2018)

As características médicas do Autismo e a complexidade e singularidade de cada caso exigem um trabalho extenso e metodologicamente rigoroso, levando a um constante repensar das práticas da Psicologia para esse transtorno. A Análise do Comportamento, ao longo das últimas décadas, tem se debruçado sobre o assunto e desenvolvido aplicações sistemáticas, fundamentada em reflexões filosóficas, que vêm contribuindo para o tratamento do transtorno. O diagnóstico médico aliado à intervenção analítica comportamental constituem importantes ferramentas para enfrentar os desafios impostos pelo Autismo (SOUZA; JULIANI, 2018, p.147).

Assim, reafirma-se o lugar fundamental da prática psicológica no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a sua capacidade, diante de intervenções como o ABA, de considerar a complexidade dos sujeitos que se enquadram nesse transtorno de características e sintomas tão abrangentes.

O JIU JITSU INCLUSIVO NO PLANO TERAPÊUTICO DO TEA

A atividade física torna-se uma forte aliada à esse contexto, pois uma das características mais relevantes do autismo são os prejuízos sociais, que influem na maneira com que o sujeito interaja com o mundo e as outras pessoas que habitam nele, além das circunstâncias que unem esses dois movimentos – o mundo e o outro e, pela prática esportiva incentivar a interação com o outro, o tratamento da TEA se potencializa. É, portanto, por meio da atividade física, que pesquisadores têm demonstrado a capacidade dessas crianças de vencerem a ociosidade e baixa

capacidade de iniciativa, desenvolvendo uma comunicação e interação mais adequada, além de uma melhora tanto na coordenação motora quanto na capacidade cognitivo-emocional e consciência corporal e espaço temporal (SANTOS et al., 2012; AGUIAR; PEREIRA; BAUMAN, 2017).

Aguiar, Pereira e Bauman (2017, p.182) apontam que “não existe um plano de exercícios que seja ideal, mas sim que ele deve ser estabelecido com base nas características individuais e nos objetivos que se pretende alcançar”. Deste modo, compreende-se que o benefício está na maneira com que esse exercício é adaptado a esse sujeito, e, portanto, passa a adquirir uma característica inclusiva; aqui, enfatizando o autismo.

Sem dúvida, a luta é um elemento da cultura do movimento humano, é parte integrante da natureza. Lutando o homem modificou a civilização. A luta é um instrumento facilitador do potencial emocional da autopercepção, da comunicação, das transformações do indivíduo e de suas relações com tudo que envolve. Por ela aprende-se a conhecer a si e ao outro compreender suas limitações e desenvolver suas capacidades e habilidades (LANÇANOVA apud TIAGO, 2008, p.56).

É preciso que o exercício respeite as restrições que, segundo Almeida e Silva (2009, p.233) “ são limitações individuais e ambientais que estão em estreita relação com a tarefa”. Isso significa que o jiu jitsu adaptado se configura por, além dos mesmos objetivos de sua prática de origem, uma metodologia e atendimento diferenciados além de recursos humanos especializados.

Tal metodologia visa, portanto, atuar de maneira consonante aos demais processos terapêuticos desenvolvidos pelos profissionais inseridos no cuidado para com a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo, de maneira coletiva, seu bem-estar e a conquista de sua autonomia nos diversos setores em que se insere.

CONCLUSÃO

Destarte, é possível observar que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é responsável por acometer uma série de habilidades que vão desde a linguagem até as funções motoras e, neste percurso, atravessam diversos contextos; sociais, políticos, culturais, dentre outros. Todavia, tanto a intervenção ABA quanto o *Jiu Jitsu* apresentam como práticas interventivas eficazes e que, de acordo com suas propostas enquanto intervenções multidirecionadas, funcionam de maneira consonante.

Trabalhando a partir da individualidade de cada sujeito e considerando as suas especificidades, o ABA apresenta-se como ferramenta fundamental no contexto de intervenção psicológica no TEA e, aliando-se ao *jiu jitsu*, que tem se apresentado como prática que estimula para além de suas óbvias potencialidades motoras, é capaz de gerar efeitos ainda mais benéficos aos envolvidos.

No entanto, vale salientar que há uma carência de pesquisas de campo que visem relacionar diretamente as duas abordagens enquanto práticas terapêuticas que devem ser cada vez mais utilizadas em conjunto. Deste modo, o estudo também aponta para uma necessidade de expansão da ciência psicológica de encontro para com o esporte e demais campos de estudo do movimento principalmente aqueles que prezem par ao movimento para além de suas capacidades motoras; como é o caso do *jiu jitsu*.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Renata Pereira; PEREIRA, Fabiane Silva; BAUMAN, Claudiana Donato. Importância da prática de atividade física para as pessoas com autismo. *Journal of Health & Biological Sciences*, v. 5, n. 2, p. 178-183, 2017.
- ALFRADIQUE, Luciane Martins. A MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA NO CONTEMPORÂNEO. *Episteme Transversalis*, v. 10, n. 1, 2019.
- ALMEIDA, Maycon Ornelas; SILVA, Rita de Fátima. Atividade motora adaptada e desenvolvimento motor: possibilidades através das artes marciais para deficientes visuais. *Movimento & Percepção*, v. 10, n. 14, p. 222-239, 2009.
- ARRUDA, P.D.P; SOUZA, B. J. Jiu-Jitsu: Uma Abordagem Metodológica Relacionada À Quebra De Estereótipos. 2014. Natal: Redfoco, Vol. 1, n.1, 2014.
- ASSUMPÇÃO JR, Francisco B.; KUCZYNSKI, Evelyn. Diagnóstico diferencial psiquiátrico no Autismo Infantil. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. (Org.). *Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo. Editora: Memnon Edições Científicas Ltda., p. 43-54, 2011.
- BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, Spring, V. 1(1), p. 91-97, 1968.
- BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. Some still-current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, Winter, V. 20(4), p. 313-327, 1987
- BENEFIELD, L. E. Implementing evidence-based practice in home care. *Home Healthcare Nurse*, Baltimore, v. 21, n. 12, p. 804-811, Dec. 2003.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, Ano 1, n. 1, 2002.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; DE ALMEIDA CUNHA, Cristiano Castro; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- BRAGA-KENYON, Paula; KENYON, Shawn E.; MIGUEL, Caio F. Análise Comportamental Aplicada (ABA). In CAMARGOS JR., Walter et al (org.). *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio*. Brasília: CORDE, cap. XXIII, p. 148-154, 2005.
- BROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. In: RODGERS, B. L.; CASTRO, A. A. *Revisão sistemática e meta-análise*, 2006.
- CABALHO, Vicente E. *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos, 2003.
- COOPER, J. O.; HERON, T. E.; HEWARD, W. L. *Applied behavior analysis*. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2007.
- CORREIA, Shirlem de Araújo et al. O taekwondo como ferramenta para a inclusão da pessoa com transtorno do espectro autista (TEA): um relato de experiência no município de Delmiro Gouveia-AL. 2018.
- DEL'VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo de educação física. *Formação*

profissional em Educação Física: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioética, 2006, v. 1, p. 99-108.

DONOHUE, J.J. Modern educational theories and traditional Japanese martial arts training methods. *Journal of Asian Martial Arts*, v.14, n.2, p.8-29, 2005.

DRIGO, A. J., OLIVEIRA, P. R., CESANA, J., NOVAES, C. R. B., NETO, S. S. A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas artes marciais. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital, Buenos Aires, Año, 10, n. 86, 2005.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. *Educação Infantil: pra que te quero*, p. 27-37, 2001.

FRANCHINI, E. Judô. São Paulo: Odysseus, 2008.

FETT, Carlos Alexandre; FETT, Waléria Christiane Rezende. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. Motriz. *Journal of Physical Education*. UNESP, p. 173-184, 2009.

FRANCHINI, E.; DEL'VECCHIO, F. B. Tradição e modernidade no judô: histórico e implicações. In: KÁTIA RUBIO; ALBERTO REPPOLD FILHO; ROBERTO MALUF

FRANCHINI, E.; TAKITO, M.Y.; RODRIGUES, F.B.; MANOEL, E.J. Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um programa de Educação Física. *Proceedings do II Congresso de Iniciação Científica da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo*, 1996. p. 65-69.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de pediatria*, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

GALLAHUE, D. L., & OZMUN, J. C. (2006). *Understanding motor development: Infants, children, adolescents and adults* (6ª ed.). Boston: McGraw Hill.

GARCIA, M.; CORDOZA, G.; KRAUSS, E. *The X Guard*. Hong Kong: Victory Belt Publishing, 2007.

GARCIA, Aline H. C. et al. Transtornos do espectro do autismo: avaliação e comorbidades em alunos de Barueri, São Paulo. *Psi. Teoria e Prática*, v. 18, n. 1, p. 166-177, 2016.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRACIE, Renner. *Gracie Combatives: Blue Belt qualification handbook*. Torrance, Ca: Gracie Publications, 2008. 65 p. GRACIE, Helio;

GRACIE, Royler. *Gracie Submission: Essential*. Montpelier, Vt: Invisible Cities Press, 2007. 278 p.

GRACIE, Renzo et al. *Brazilian Jiu-Jitsu: Theory and technique*. Montpelier, Vt: Invisible Cities Press & Editora Gracie, 2001. 255 p.

GRACIE, Helio. *Gracie Jiu-Jitsu*. 2ª São Paulo: Saraiva, 2007. 273 p.

GRACIE, Reyla. *Carlos Gracie: O criador de uma dinastia*. 2ª Rio de Janeiro: Record, 2008. 572 p.

GRACIE, Rodrigo KID P. *The path to the Black Belt*. Montpelie, VT: Invisible Cities Press, 2006.

GOODGER, J.M. Theories of change in sport: comments on some recent contributions. *International Review for the Sociology of Sport*, Otago, v. 17, n.3, p.99-109, 1982.

GOODGER, B. C.; GOODGER, J. M. Organisational and cultural change in post-war British judo. *International Review of Sport Sociology*, Otago, v. 1, n. 15, p. 21-48, 1980.

GAUY, Fabiana Vieira; DA ROCHA, Marina Monzani. Manifestação clínica, modelos de classificação e fatores de risco/proteção para psicopatologias na infância e adolescência. *Temas em Psicologia*, v. 22, n. 4, p. 783-793, 2014.

HIRATA, D. S; DEL VECCHIO, F. B. Preparação física para lutadores de Sanshou: Proposta baseada no sistema de periodização de tudo O. Bompa. *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, v. 6, n. 8, 2006.

KANO, J. (1994). *Kodokan Judo*. Kodansha International: New York.

KENYON, Shawn E.; HEALEY, John J. Análise funcional das respostas de auto lesão em uma criança de dez anos diagnosticada com autismo. In: GUILHARDI, Hélio et al (Org.). *Sobre o Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade*, v. 7. Santo André: ESETec Editores Associados, cap. 6, p. 56-61, 2002.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out. /dez. 2008.

MESQUITA; NELSON TODT (Org.). *Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos*. Porto Alegre: Editora PUCRS, v. 1, p. 121-145, 2007.

MILLER, N.; NEURINGER, A. Reinforcing variability in adolescents with autism. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33 , 151-165, 2000.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Folha Informativa - Transtornos do Espectro Autista. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/search/r?keys=folha+informativa+transtornos+do+espectro+autista+Brasil>> Acesso em: 21 de maio de 2021.

PAIVA, Robério Silva; SILVA, Thaísa Vilhena. Considerações a respeito da ansiedade em jovens atletas a partir dos estágios psicossociais do desenvolvimento. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 2, n. 1, 2008.

POLIT, D. F; BECK, C.T, HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. 5a ed. Porto Alegre (RS): Artmed, 2004.

POLIT, D. F; BECK, C. T. Using research in evidence-based nursing practice. In: POLIT, D. F.; BECK, C. T. (Ed.). *Essentials of nursing research. Methods, appraisal and utilization*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2006.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. v. 12, 2008.

RODRIGUES, Marcelo Francisco. Et al. Influência da pratica do Jiu Jitsu no desenvolvimento biopsicossocial de crianças dos 10 aos 14 anos na cidade de Mogi

Guaçu. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 09, Vol. 1, pp. 131-146, set., 2018.

ROSA, V. (2006). Estudo Sociológico sobre o Karaté em Portugal; Atas das VIII Jornadas de Sociologia. Universidade de Évora. P.106.

RE, A.H.N.. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. Motri., Vila Real , v. 7, n. 3, p. 55-67, jul. 2011.

RUFINO, L. G. B.; Darido, S. C. (2009). O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar. In: Iv colóquio de pesquisa qualitativa em motricidade humana: as lutas no contexto da motricidade / iii simpósio sobre o ensino de graduação em educação física: 15 anos do curso de educação física da ufscar / workshop, 4, 2009, São Carlos.

RUFINO, L. G. B.; Darido, S. C. (2010). O jiu jitsu brasileiro na visão dos não praticantes. Coleção Pesquisa em Educação Física, (9)2, p.181-188.

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora. Estudos de Psicologia (Natal), v. 20, n. 3, p. 173-183, 2015.

SANTOS, Elaine de Oliveira et al. Análise das mediações ocorridas a partir da aplicação de um programa de atividades psicomotoras de caráter lúdico recreativo em crianças autistas. Colloquium Humanarum, v.9, p. 641-651, jul-dez, 2012.

SOUZA, Rodrigo Dal Ben de; JULIANI, João. Psicologia e autismo. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, v. 29, n. 56, p. 139-152, 2018.

STARLING, Roosevelt R. et al. A clínica do autismo em dados. In: STARLING, Roosevelt R (org.). Sobre o Comportamento e Cognição: Temas aplicados, v. 19. Santo André: ESETec Editores Associados, cap. 4, p. 42-67, 2007.

STRATTON, R. Of monks and warriors: a layman's overview of far eastern martial arts. Olympic Review, Lausanne, n.224, p.342-347, 1986.

TEIXEIRA, Gustavo. Manual do Autismo: Guia dos pais para o tratamento completo. Rio de Janeiro: Best Seller, 1. ed., 2016.

TIAGO, Rodrigo Fernandes et al. Como a educação física e o Taekwondo podem contribuir para a inclusão das crianças no mundo da cultura corporal. 2008.

WINDHOLZ, Margarida H. Passo a Passo, seu caminho. São Paulo: Edicon, 1988.

ZANINI, Andressa Rigo de Queiroz. Autismo: compreensão e tratamento a partir de diferentes abordagens teóricas. 2020.